"Ele nascerá do povo"

A realização da utopia à luz de Is 11,1-9

1. O FIM DE TODAS AS UTOPIAS?

No final do ano de 1989 o mundo inteiro foi surpreendido pelo desmoronamento dos países socialistas do Leste Europeu, um após o outro. A simbólica "queda do Muro de Berlim" trouxe para muitos o questionamento radical da Utopia da Igualdade e da Fraternidade e foi recebida com apreensão. Para outros, ávidos de lucros e de mercados, foi a oportunidade de ampliar vendas e vantagens. Para o povo dos próprios países socialistas abria-se a sonhada porta da liberdade sem tutelas.

Foi neste contexto internacional que alguns ideólogos de plantão ousaram proclamar, triunfalmente, o "fim de todas as utopias", o advento do "fim da história" e do "Mercado Total". Agora, sim, o mundo estaria finalmente livre do "infernal barulho das utopias" (Joachim FEST) e a história teria chegado ao seu termo, ao seu ponto máximo, à plenitude do seu sentido e de suas possibilidades (Francis FUKUYAMA).

No Brasil, estes eventos coincidiram com a vitória política da proposta neoliberal de Fernando Collor de Mello e a derrota eleitoral do projeto utópico-popular de Luís Inácio da Silva, o Lula. O efeito foi devastador. Herbert de Souza, o Betinho, analista atento, engajado e perspicaz, assim expressou aquele momento brasileiro: "De repente, creio que estamos de novo aprisionados no círculo de giz. A realidade foi aprisionada pela lógica econômica do combate à inflação como o princípio e o fim de tudo e de todos. Uma idéia simples toma a todos por prisioneiros. (...) E, de repente, nos vemos no círculo de giz onde o real se submete ao imaginário de plantão no poder e *perdemos a capacidade de andar, atravessar, superar, negar e inventar o mundo que devemos criar para nele existir como humanos,* seres livres e não impotentes perus, presos no onipotente círculo de giz"[1].

1. Herbert de SOUZA. *Escritos indignados.* Rio de Janeiro, IBASE/Rio Fundo Editora, 1991, 100-102.

É possível decretar o fim das utopias e organizar e possibilitar a vida humana sem elas? Somente se fosse possível negar a existência das massas famintas, das maiorias excluídas da vida e das minorias discriminadas. Enquanto existirem povos oprimidos, massas famintas e relações de dominação, haverá projetos utópicos para superar a dominação, a exploração e a indiferença. "Enquanto existir tal miséria, haverá esperança num futuro que seja melhor do que o sofrido presente. *A esperança é a força vital das vítimas* do sistema mundial em vigor"[2].

Não podemos esquecer que a Bíblia é a "memória histórica dos pobres" e o livro daqueles que, desafiando todas as evidências, lutam e esperam um "novo céu e uma nova terra" (cf. Is 65,17-25). É o roteiro e o caminho dos que esperam contra toda a esperança, abrem estradas no deserto e fazem correr rios nas estepes (cf. Is 41,17-20). É a fonte onde bebem sonhos de vida aqueles que dão a vida e vencem a morte, porque "para Deus nada é impossível" (Lc 1,17).

É levando tudo isso em conta que faremos a leitura de Is 11,1-9.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO DE ISAÍAS

Damos por suposta e aceita a divisão do livro de Isaías em três partes: Isaías (1–39); Dêutero-Isaías (40–55); Trito-Isaías (56–66). Estas três partes correspondem, em termos gerais, aos períodos históricos do pré-exílio, do exílio babilônico e do pós-exílio, respectivamente. Entretanto, é notável e digna de atenção a correlação temática entre estes três blocos. Por isso, pode-se afirmar que o autor-redator do texto atual de Is 1–39 é o mesmo que compôs os capítulos 40–55 e 56–66. Pelo menos, não é alguém que esteja longe de suas idéias[3]. É evidente que há um longo processo de releituras que se estende desde a pregação histórica do profeta (a partir do ano 740 aC) até o período pós-exílico (mais ou menos 400 aC).

Quanto ao contexto histórico-cultural da pregação de Isaías, podemos situá-lo na segunda metade do século VII aC. É o tempo da dominação assíria, da invasão e destruição da Samaria e da insegurança política de Judá. Esta situação de ameaça externa se somou à corrupção social e à falta de senso político e religioso da classe dirigente de Jerusalém, agravando-a.

J.S. Croatto[4] afirma que a leitura e a interpretação de Is 1–39 deve ser feita em perspectiva pós-exílica, pois o contexto isaiano é apenas residual no escrito atual. E o momento pós-exílico é caracterizado pela tentativa de "corrigir" e re-situar o "utopismo salvífico" do Dêutero-Isaías, sem deixar de abrir novos horizontes de esperança. Por causa disso, a perspectiva de uma salvação futura é

2. Jürgen MOLTMANN. Fim da Utopia – Fim da História, in: Revista *Concilium* 252 (1994/2), 173.

3. Cf. J. Severino CROATTO. *Isaías,* Vol. I: *1-39.* Petrópolis, Vozes/Imprensa Metodista/Editora Sinodal, 1989, 11-12.

4. *Ibidem*, 20-27.

introduzida no Isaías histórico (1–39) que antes se caracterizava basicamente pelo anúncio do castigo e da destruição de Judá.

O que se passava em Judá nesse período pós-exílico? A presença política da Pérsia nesse período não pode ser dita benfazeja. Basta prestar atenção ao que diz Neemias: "Por isso agora estamos escravizados. Hoje nós somos escravos na terra que deste aos nossos antepassados para gozarem dos seus frutos e bens. Seus produtos abundantes vão para os reis, aos quais tu nos sujeitaste por causa dos nossos pecados. Eles dominam como querem, tanto a nós como a nossos rebanhos. Estamos em grande aflição" (Ne 9,36-37).

A exploração econômica mediante os impostos e o auxílio às tropas militares de ocupação, somada à implantação de toda a infra-estrutura militar, provocou o empobrecimento e a alienação. A devastação, resultado das seguidas invasões, era agravada pela seca, pelas pragas e pela dureza dos administradores (cf. Ne 5,1-18). Daí um contexto que dava validade e atualidade às críticas do Isaías histórico às autoridades políticas. Entretanto, como o redator já conhecia tanto a deportação como o retorno dos exilados, é capaz de sustentar explicitamente a esperança da reconstrução definitiva de Jerusalém. Eis o motivo da ênfase em Jerusalém e da centralidade absoluta do Templo.

3. O CONTEXTO LITERÁRIO DE Is 11,1-9

Esta perícope está literariamente situada no que se chama ordinariamente "Livro de Emanuel" (Is 6,1–12,6). Tal livro ou bloco está literariamente delimitado pela contextuação sócio-política com a qual se inicia a descrição da vocação do profeta (6,1) e pelo "fecho quase litúrgico" de 12,1-6)[5].

O "Livro de Emanuel" desenvolve em vários movimentos e sem mudar de tom a destruição e o renascimento de Judá. O profeta entende-se enviado para "tornar insensível o coração do povo", para "endurecer os seus ouvidos e cegar os seus olhos" (cf. Is 6,8-10). E Isaías inicia a sua atividade anunciando que as cidades ficarão desertas, as casas serão esvaziadas, a terra será desolada e o povo será deportado (cf. 6,11-13). O mesmo anúncio de destruição reaparecerá em vários textos seguintes: 7,15; 7,18-25; 8,1-4; 8,5-8; 8,11-15; 8,16-23a; 9,7-20; 10,28-34. Deve-se observar, entretanto, que aparecem também algumas ameaças contra os impérios que oprimem, como em 8,9-10 e 10,5-19.

Os anúncios de renascimento e esperança são numericamente poucos, mas muito significativos. Além do poema de 11,1-9, objeto da nossa análise, ressalte-se 9,1-6. Este é um poema no qual aparece a pregação do fim da guerra e da opressão do povo e o anúncio de um novo tempo marcado pela paz e pela alegria.

Nestes anúncios de renascimento destacam-se duas imagens fortes: a imagem do *resto* (10,20) e do *broto* (11,1). A imagem do *resto*, que aparece no contexto de 10,17-23, designa aquela pequena porção do povo que não confia no poder dos invasores e que coloca a sua confiança e a sua esperança em Javé e na sua Palavra.

5. Cf. CROATTO, *op. cit.*, 57.

A este *resto* é prometida a volta da deportação que estaria para acontecer. Esta imagem do *resto* é completada pela figura do *broto*, que aparece em 6,8-13 e em 11,1-9. Aqui a imagem do *broto* se refere àquilo que sobrará do povo depois da deportação que é anunciada. Enquanto a primeira imagem (resto) deriva de uma metáfora política (povo), esta segunda imagem (broto) tem seu contexto numa metáfora vegetal (árvore/floresta). Judá é comparado às árvores da mata: os "galhos mais altos" serão cortados (6,13) ou podados e abatidos (10,33). As "árvores grossas" serão cortadas a ferro, e o "cedro do Líbano" cairá (cf. 9,13-16).

4. A UTOPIA DE UMA NOVA SOCIEDADE

É neste contexto de anúncio de destruição e renascimento que se situa este belo poema messiânico. Transcrevemos aqui o texto conforme a tradução da *Bíblia de Jerusalém:*

1 Um ramo sairá do tronco de Jessé,
um rebento brotará de suas raízes.
2 Sobre ele repousará o espírito de Iahweh,
espírito de sabedoria e de inteligência,
espírito de conselho e de fortaleza,
espírito de conhecimento e de temor de Iahweh:
3 no temor de Iahweh estará a sua inspiração.
Ele não julgará segundo a aparência.
Ele não dará sentenças apenas por ouvir dizer.
4 Antes, julgará os fracos com justiça,
com eqüidade pronunciará uma sentença em favor
dos pobres da terra.
Ele ferirá a terra com o bastão de sua boca,
e com o sopro de seus lábios matará o ímpio.
5 A justiça será o cinto dos seus lombos
e a fidelidade o cinto dos seus rins.

6 Então o lobo morará com o cordeiro,
e o leopardo se deitará com o cabrito.
O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos
e um menino pequeno os guiará.
7 A vaca e o urso pastarão juntos,
juntas se deitarão as suas crias.
O leão se alimentará de forragem como o boi.
8 A criança de peito poderá brincar junto à cova da áspide,
a criança pequena porá a mão na cova da víbora.
9 Ninguém fará o mal nem destruição nenhuma em todo
o meu santo monte,
porque a terra ficará cheia do conhecimento de Iahweh,
como as águas enchem o mar.

Pode-se notar que o poema usa categorias bastante genéricas. Aponta para o futuro. Supõe a realização de um castigo, a ruptura com a realeza, e prevê o

renascimento do povo a partir de raízes mais profundas e de uma origem mais antiga. Esta generalização das imagens deve-se ao caráter tardio da redação do texto e à intenção de se referir a muitas e diversas situações.

O texto divide-se claramente em duas partes simétricas: v. 1-5; v. 6-9. A primeira parte descreve a origem e as qualidades humano-políticas do "broto". Por sua vez, os v. 6-9 descrevem o resultado da atuação deste misterioso "broto" junto ao povo dos pobres, lançando mão de uma metáfora do mundo animal. Note-se ainda a recorrência aos paralelismos nos v. 3-5[6].

4.1. O significado do "broto-ramo"

O v. 1 descreve o nascimento e a origem de um misterioso "ramo-broto", porém a partir de um tronco decepado (*hoter*: broto que desponta de um cepo ou tronco partido mas não desenraizado[7]. Trata-se do velho tronco de Jessé, pai de Davi. É uma clara alusão às origens pastoris e humildes de Judá e do seu principal dirigente.

Levanto aqui a hipótese de que "ramo-broto" não se refere a uma pessoa ou linhagem real, mas a um *resto fiel* do povo que bebe na mesma fonte na qual Davi bebeu antes de ser ungido rei. A realeza, com toda a sua riqueza e poder, não havia feito mais que seqüestrar a utopia dos pobres e excluídos, na qual tivera as suas raízes, e atrair a ambição e a violência dos países vizinhos. A utopia que gera o futuro vem de baixo, das raízes do povo, como de baixo e da margem vem o sujeito plenamente habilitado para realizá-la. A vida e o futuro estão escondidos exatamente naqueles que foram esquecidos, excluídos e negados.

Demonstrar que *"ramo"* e *"broto"* designam um sujeito coletivo não parece difícil. Basta colocar 11,1 em relação com os textos anteriores do Livro de Emanuel. Em 6,11-13 se diz que o profeta é enviado e, ante o seu anúncio de destruição, os dirigentes de Jerusalém se fecham e endurecem[8]. Então o profeta pergunta: "Até quando, Senhor?" E recebe a resposta: "Até que as cidades desmoronem, despovoadas; até que as casas fiquem desabitadas e os campos devastados e desolados. Porque Javé expulsará os homens e o abandono crescerá no país. E se sobrar apenas uma décima parte, tornará a ser *cortado* como o carvalho e o terebinto; este *toco* será uma *semente santa*".

Esta metáfora vegetal, usada para falar sobre Judá como nação, reaparece numa outra descrição de devastação em 10,27b-34[9]. O texto descreve uma invasão

6. Cf. L.A. SCHÖKEL & A. SICRE DIAZ. *Profetas. Comentario I.* Madrid, Ediciones Cristiandad, 1980, 167.

7. Cf. T. BALLARINI (Dir.). *Introdução à Bíblia:* Vol. II/3. *Profetismo e Profetas em geral.* Petrópolis, Vozes 1977, 128.

8. A expressão "este povo" que aparece em Is 6,9.10; 8,6.11; 9,10.12.15; 10,6 designa os dirigentes de Judá, enquanto que a expressão "meu povo" (10,2.24) se refere às classes populares oprimidas e desviadas pela realeza. Cf. CROATTO, *op. cit.*, 57-94.

9. Cf. SCHÖKEL & SICRE DIAZ, *op. cit.*, 166-171.

rapidíssima que vem do Norte e se aproxima de Jerusalém, provocando medo e fuga. Os dirigentes, orgulhosos de suas estratégias e auto-suficientes em suas riquezas, se apóiam numa frágil aliança com a Etiópia. Mas o profeta alerta e ameaça: "Vejam. O Senhor Javé dos exércitos a *ramagem* com terrível violência vai *podar.* Os *galhos mais altos* serão *cortados,* os *ramos de cima* serão *abatidos;* o *grosso da floresta* será cortado a ferro, e o *Líbano majestoso* cairá" (10,33-34).

Parece-me evidente a aplicação da metáfora das árvores/floresta aos dirigentes de Judá. Basta lembrar que o palácio real de Jerusalém era comparado ao Bosque do Líbano (cf. 1Rs 7,2; 10,17). É também muito claro o contraste que estes versículos colocam ao texto que lhe segue: "Do *tronco* de Jessé sairá um *ramo*, um *broto* nascerá de suas raízes" (11,1). Tronco e broto são imagens daquilo que sobra quando a monarquia e toda a classe dirigente são destruídas; são imagens equivalentes a "resto de Israel" e "resto de Jacó" (cf. Is 4,2-6; 6,13) a quem é garantido um futuro por causa da sua fidelidade (cf. 7,3; 10,19-23; 28,5-6; 37,4). É a "semente santa" que aparece em 6,13 ou o "Servo fiel e sofredor" de Is 42,1-9; 44,1-5; 49,1-9; 52,13–53,12[10].

4.2. O Ungido de Javé

Pois bem. É precisamente sobre este "broto-povo" que renasce do velho tronco de Jessé que repousará a *ruah de Yhwh* (Espírito de Javé)[11]. Este *broto* é o que é e será o que dele se anuncia em virtude do "sopro de Javé" que repousará sobre ele. É o Espírito de Javé que lhe concede sabedoria e inteligência, conselho e fortaleza, conhecimento e temor de Javé. Trata-se das qualidades necessárias para dirigir a caminhada do povo, inclusive a habilidade de planejar e executar o projeto de Javé, coisa que a realeza não fez.

A função deste "broto-resto-povo" é descrita por nosso texto no horizonte do que era esperado de um rei (cf. Sl 45,7; 67,5; 72). A tarefa de julgar (fazer justiça) não aparece aqui como uma expressão genérica e indiferenciada, mas delimitada e concretizada como "julgamento em benefício dos *fracos* e *pobres da terra*". É exatamente isto o que significa "não julgar pelas aparências" ou "por ouvir dizer". Estas sentenças devem, ao mesmo tempo, ferir os violentos e exterminar os ímpios-opressores. É isto o que significa realizar historicamente a fidelidade à aliança com Javé.

Os v. 6-9 não se referem propriamente a um "novo paraíso" e nem às conseqüências da paz social para o mundo animal, como pensam alguns exegetas[12]. São claramente uma metáfora usada para descrever a realização da tão

10. *Idem*, 138-142.

11. Sobre o Espírito Santo no AT pode-se conferir: H. ALBERTZ & C. WESTERMANN. "Espíritu", in: E. JENNI & C. WESTERMANN (Org.). *Diccionario Teológico Manual del Ant. Test. II.* Madrid 1985; *Supplément au Dictionnaire de la Bible.* Fasc. 60 (1986), 126-398; Milton SCHWANTES. *O Espírito faz a História.* CEBI/CECA. Belo Horizonte, 1988; J. Yves CONGAR. *El Espíritu Santo.* Barcelona, Herder, 1983, 29-40.

12. Cf. SCHÖKEL & SICRE DIAZ, *op. cit.*, 162.

sonhada paz. Paz e harmonia entre os animais entre si e com os homens não são conseqüência da ação do "ramo" ungido, mas uma metáfora do mundo animal que expressa a justiça e a fraternidade instauradas entre os homens.

5. A AÇÃO DO ESPÍRITO DE JAVÉ

O substantivo hebraico *ruah* (feminino) pertence ao grupo de palavras onomatopaicas que imita o ruído do sibilo do vento e da respiração agitada. Designa sempre algo dinâmico e incontrolável, que é movimento ou que põe em movimento. Aparece 378 vezes no Antigo Testamento hebraico (e mais 11 vezes em aramaico bíblico), sendo 51 vezes no livro de Isaías. Em que pese o seu uso mais ou menos freqüente, somente no período exílico e pós-exílico o seu uso é realmente relevante na perspectiva teológica[13].

Não pertence ao objetivo desta reflexão abordar as aplicações psicológicas e antropológicas de *ruah* no Antigo Testamento. Interessa-nos abordar apenas a sua significação teológica, ou seja, a sua relação clara e explícita com Javé. "Ruah de Yhwh" aparece 28 vezes no AT, mas em apenas 19 textos o seu significado é estritamente teológico (Jz 3,10; 6,34; 11,29; 13,25; 14,6.19; 15,14; 1Sm 10,6; 16,13.14; 2Sm 23,2; 1Rs 22,24; 2Cr 18,23; 20,14; Is 11,2; 61,1; 63,14; Ez 11,5; Mq 3,8). Temos ainda um total de 20 textos onde *ruah* está referido a Javé mediante um sufixo ou pronome (Is 30,1; 42,1; 44,3; 59,21; Ez 36,27; 37,14; 39,29; Jl 3,1.2; Ag 2,5; Sl 61,13; 139,7; 143,10; Ne 9,20.30; Nm 11,29; Is 48,16; 63,10.11; Zc 7,12).

Convém ressaltar que são distintas experiências do Espírito de Javé que aparecem nestes textos, desde a liderança carismático-popular dos juízes de Israel até os profetas individual ou coletivamente tomados. Na experiência dos juízes, *ruah* aparece sempre como uma força dinâmica e explosiva que sobrevém a homens ou mulheres e os capacita para ações heróicas e especiais em benefício do povo. É a força e o modo humanamente mediado pelo qual Javé realiza a salvação histórica do seu povo.

Com o advento da monarquia, ocorre uma ruptura com essa experiência e a concepção de *ruah* de Javé. O que até então era experimentado e concebido como força e dinamismo de ação tende a ser experienciado e elaborado como algo estático, dado ao rei para levar a efeito as suas tarefas administrativas. Entretanto, a profecia se encarregou de vinculá-lo estreitamente à atuação profética e ao "resto de Israel", servidor e sofredor, como aparece claramente nas profecias do exílio (Is 42,1; 48,16) e do pós-exílio (cf. Is 57,15; 61,1; 63,11).

O Espírito de Javé é força ativa e ativante, viva e vivificante através da qual Javé atua na história em favor do seu povo e contra aqueles que o maltratam, sempre mediante seus agentes humanos, individuais ou coletivos. É sempre uma ação em benefício do povo e mediante o povo fiel. Nesta perspectiva, o "broto-ramo" de Jessé, ou seja, o "resto" pobre e fiel de Judá sobre o qual repousa o Espírito de Javé, é o seu agente executivo no mundo para torná-lo mais humano e livre, justo e fraterno.

13. Cf. H. ALBERTZ & C. WESTERMANN, *op. cit.*, 916.

Este sujeito coletivo, denominado metaforicamente "broto-ramo-resto", é que fará valer o direito dos pobres e tornará pública a falsidade e a opressão mantida pelos ímpios e violentos. Este "resto fiel de Israel" é que promoverá a justiça e a fidelidade e demonstrará o que é conhecer a Javé, coisa que a monarquia e toda a classe dirigente não soube fazer.

6. QUAL É O LUGAR DA UTOPIA?

O Espírito de Deus é este dinamismo e força pessoal e vital de Deus atuando na história. É o dinamismo do Reino de Deus fermentando e salvando o mundo. É o prolongamento da ação messiânica de Jesus no tempo e no espaço. "Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então o Reino de Deus já chegou a vocês" (Mt 12,28). É Ele que está na base do clamor que move o mundo (cf. Rm 8,22). Ele é a garantia da libertação plena (cf. Ef 1,14). Ele perfaz a força de solidariedade que faz e refaz a vida (cf. 1Cor 12,31–13,12).

Deste modo, ser ungido pelo Espírito e atuar no seu dinamismo, longe de ignorar e se opor às utopias, é trazê-las para o tempo presente. O dinamismo atual do Espírito, mediante os seus agentes, atua no sentido de impedir que a utopia seja apenas uma agradável fantasia ou uma confortável fuga do presente para um tempo distante e um lugar imaginário. Entretanto, o Espírito também rompe com todas as barreiras impostas por aqueles que querem reduzir e aprisionar a vida e a sociedade às suas configurações estreitas de um presente marcado pela expropriação, pela dominação e pela exclusão. Se é verdade que não é permitido esperar para dentro desta história o reino da vida e da liberdade plenas, também não é uma postura cristã conformar-se cômoda e interesseiramente com os "esquemas deste mundo" (cf. Rm 12,2).

O Espírito de Deus reúne um povo e o destina para realizar o seu sonho dentro dos limites e contingências da história, sustentando-o com a firmeza daqueles que vêem o invisível (cf. Hb 11,28). Este povo é composto de todos os homens e mulheres de boa vontade que se arriscam na aventura de gestar estruturas sociais mais justas e homens e mulheres novos.

Recorro novamente ao profeta do Brasil, de hoje e de amanhã, o querido Betinho: "O grande desafio hoje é... recuperar a capacidade de negar este mundo em função de um outro que é muito melhor porque sendo de todos será democrático. *Recuperar a capacidade de dar o passo por cima do círculo de giz para reencontrar a liberdade de criar o futuro,* que sempre se faz e se dá pela superação de tudo o que se apresenta no presente. Eis o modo e a forma de dar o passo e sair do círculo de giz que nos faz impotentes quando somos tão fortes"[14]. Is 11,1-9 mostra o ponto de partida: o resto do povo, os excluídos que se abrem ao Espírito de Javé.

Só desejam e postulam o "fim das utopias" aqueles que dominam o presente e dele usufruem e aspiram a sua perpetuação para o futuro. Mas, "para que este

14. J. MOLTMANN, *op. cit.*, 175.

mundo sobreviva, precisamos de visões utópicas que consigam arrancar da miséria aqueles que nela vivem"[15]. Por isso, e pela necessidade de sermos fiéis à Cruz de Jesus Cristo, precisamos da utopia como necessitamos da respiração. Mas o seu tempo é agora. Como anuncia o poeta-teólogo Chico Buarque de Holanda: "Afagar a terra/ Conhecer os desejos da terra/ Cio da terra, propícia estação/ De fecundar o chão..." E o poeta-profeta Ivan Lins completa: "No estandarte vai escrito/ Que ele voltará de novo/ E o rei será bendito/ Ele nascerá do povo".

Itacir Brassiani, MSF
Caixa Postal 185
Santo Ângelo – RS

15. *Op. cit.*, 102.